

Greve da polícia desafia GDF

Sinpol garante que a adesão ao movimento chega a 100% dos policiais civis. Governo afirma que apenas 50% pararam

Diretor da Polícia Civil, Teodoro Rodrigues, exige pulso firme na condução dos trabalhos nas delegacias

NELZA CRISTINA

Policiais civis e GDF continuam medindo forças. A paralisação iniciada anteontem continua com 100% de adesão, garante o Sindicato dos Policiais Civis do DF (Sinpol). Para o governo, no entanto, apenas 50% da categoria aderiram ao movimento. O diretor da Polícia Civil, Teodoro Rodrigues, no entanto, não pretende facilitar a vida dos agentes. Ontem, ele realizou uma reunião com todos os delegados e, como revelou, exigiu "pulso na condução dos trabalhos em todas as DPs".

Segundo Rodrigues, todas as ocorrências, mesmo as mais simples, devem ser registradas e todos os chamados da população atendidos. "A população não pode ser prejudicada. O atendimento de plantão deve funcionar. Se for constatado qualquer tipo de omissão serão tomadas as medidas legais, que podem incluir até o flagrante de quem se recusou a realizar o atendimento", ameaçou Rodrigues.

O presidente do Sinpol, Hugo de Souza Silva, não se preocupou com as ameaças. Segundo ele, o diretor "está falando para a platéia. É preciso ver se ele tem respaldo legal para isso". Silva garante que a paralisação está mais fir-

me do que nunca e que "não será por ameaça do patrão que alguém vai furar a greve".

Os dois lados concordam, no entanto, com o clima de tranquilidade nas delegacias. Nem mesmo uma rebelião, ontem, na 23ª DP (Ceilândia) abalou esta certeza. Para Rodrigues, esse tipo de ocorrência é comum e acontece em função da superlotação nas delegacias, "que estão com uma ocupação além do que poderiam suportar". O diretor de Comunicação do Sinpol, Rogério Trindade do Nascimento, por sua vez, afirma que tudo foi controlado com facilidade. "Estamos mantendo a segurança das instalações físicas e também dos presos. Não vamos abandonar as delegacias", afirmou.

De acordo com o diretor da Polícia Civil, até o final da tarde de ontem, as delegacias estavam funcionando dentro da normalidade possível e não foi preciso adotar nenhuma medida mais radical. Apesar de tudo, ele não descarta a possibilidade de recorrer à Polícia Militar em caso de necessidade.

O acompanhamento da greve pelo GDF deve ser bastante rigoroso. A Promotoria de Controle Externo da Atividade Policial já pediu informações à Secretaria de Segurança sobre a paralisação. Os promotores querem saber como está o atendimento à população e advertiu, antecipadamente, que a Secretaria e o Sinpol serão responsabilizados em caso de prejuízos à comunidade.

REIVINDICAÇÕES DA POLÍCIA CIVIL

- . Tiquete-alimentação
- . Adicional noturno dos últimos cinco anos
- . Adicional noturno do mês de dezembro/97
- . Progressões funcionais (setembro/97 e março/98)
- . Horas-extras
- . Gratificação por Operações Especiais
- . Redução do desconto de 12% para 6% do INSS

Pouco movimento nas delegacias

ADRIANA BAUMGRATZ

A aposentada Gerolisa Sales, 49 anos, não conseguiu registrar ocorrência, ontem de manhã, envolvendo seu Fiat Tipo e um Versailles, estacionado em frente ao Centro de Saúde Oswaldo Cruz, na Asa Sul. Minutos após deixar o consultório dentário, Gerolisa teve uma surpresa. Ao abrir a porta esquerda do carro, percebeu que estava amassada. Apesar de ter conseguido o telefone celular da motorista do Versailles, responsável pelo incidente, Gerolisa, por precaução, resolveu fazer o registro da ocorrência na 1ª DP da Asa Sul.

A tentativa não teve êxito. No

balcão, a aposentada foi informada por um dos plantonistas que as atividades nas delegacias da Polícia Civil do DF estão suspensas temporariamente, em função da greve da categoria, decidida em assembleia na terça-feira. "Vou ter de aguardar alguns dias", disse Gerolisa. "Queria ficar com a ocorrência nas mãos por uma questão de segurança", lamentou a aposentada, que ainda ontem pretendia fazer o orçamento do conserto do carro.

Viaturas nos pátios e pouca movimentação. Esse foi o cenário na maioria das delegacias no segundo dia de greve. No balcão, os plantonistas se encarregavam apenas de orientar a população

sobre a paralisação. Os policiais comunicavam que o registro de ocorrências, com exceção de crimes hediondos e flagrantes, estava paralisado.

Na 1ª DP, de acordo com um dos agentes, a demanda foi pequena pela manhã. Apenas um caso de colisão de veículo, sem vítimas. Os funcionários, porém, mantêm outros serviços básicos, como a vigilância dos presos. Já a visitação dos detentos está suspensa. Na 2ª DP, na Asa Norte, a situação é semelhante. Quem procurou o serviço do plantão para comunicar acidentes de trânsito ou furto de documentos, teve que voltar para casa e aguardar.

CAMPANHA SALARIAL

Servidores realizam assembleia hoje

Uma onda de greves ameaça tomar conta da cidade. O Governo do Distrito Federal está no meio de um fogo cruzado, com tiros disparados de todos os lados. Além dos policiais civis, parados há dois dias, professores, funcionários da administração direta e da Sociedade de Abastecimento de Brasília (SAB) aguardam uma definição. Alguns deles estão com indicativos de greve aprovados e têm praticamente definido que, se as negociações em curso com o governo não avançarem, a greve será deflagrada na próxima semana.

Hoje, às 9h, em frente ao Palácio do Buriti, os 20 mil funcionários da administração direta realizam uma assembleia para definir os rumos da categoria. Segundo o presidente do Sindicato dos Servidores Públicos do Distrito Federal (Sindiser), Cícero Rola, são três as reivindicações: isonomia salarial (33,97%), tiquete-alimentação e redução imediata da contribuição previdenciária de 12% para 6%, como determinado pela Justiça. "Estamos nos mobilizando para paralisar as atividades", adverte Cícero.

GREVES

Categoria	Situação	Assembleia
Polícia Civil	Greve	Terça-feira
SAB	Indicativo de greve	Quarta-feira
Administração direta		hoje
Professores	Estado de greve	1º de abril
UnB	Paralisados ontem e hoje	Indicativo de greve quarta-feira

Os servidores da administração direta estão lotados nas administrações regionais, secretarias de governo, Departamento de Estradas e Rodagem e Fundação Zoobotânica. "Possivelmente, uma greve envolverá também o Detran e o SLU", afirma Cícero.

Ontem pela manhã foi a vez dos servidores da SAB, muitos deles prestando serviço nas Fundações Educacional e Hospitalar, depois da terceirização da empresa. A categoria, com 470 funcionários, está em database e aprovou indicativo de greve. Nova assembleia está marcada para a próxima quarta-feira pela manhã.

O acordo coletivo da categoria venceu em fevereiro. Segundo Cícero Rola, o governo aceita prorrogá-lo até o final de março, mas com a retirada de alguns benefícios, como auxílio-alimentação e plano de assistência médica. "Os servidores da SAB têm os salários mais baixos do GDF - o piso está em R\$ 180. Se perderem esses benefícios, vão passar fome. O auxílio-alimentação é um complemento de renda", disse o presidente do Sindiser. Para Cícero Rola, "o equívoco do governo é que não discute e não apresenta proposta. Em três anos, não parou para conversar com os servidores". (N.C.)

Governo descarta reivindicações

O secretário-adjunto de Administração e coordenador das negociações sindicais do GDF, Márcio Baiocchi, está aparentemente tranquilo. Ele não acredita em novas greves nos próximos dias e apresenta dois motivos para justificar essa certeza: "O servidor está bem informado sobre a atuação do governo - tem acompanhado tudo que é gasto em suas áreas - e não usará o direito de greve de forma leviana, para chegar ao final desgastado, sem ter suas reivindicações atendidas". Segundo Baiocchi, muitas das reivindicações são justas, mas não são viáveis agora.

Na avaliação do negociador, a mobilização da SAB é perfeitamente natural neste momento, já que a categoria está em sua data-base. Ele, no entanto, considera que estão fazendo uma "tempestade em um copo d'água", pois garante que o governo se propõe a prorrogar o acordo coletivo vencido em fevereiro



BAIOCCHI crê em bom senso

na forma como ele está.

A divergência entre GDF e servidores da SAB está nas condições salariais dos que foram cedidos - 320 entre os 470 - para as Fundações Hospitalar e Educacional. De acordo com Baiocchi, os que estão lotados fora da SAB terão que se submeter às regras do novo local de trabalho, o que implica, em alguns casos, à perda do auxílio-alimentação e do plano de saúde e

em um aumento no auxílio-creche, que passa de R\$ 32 para R\$ 95.

Quanto aos professores, Baiocchi garante que eles sabem das limitações do governo, porque já vêm conversando há um bom tempo com o GDF. "Já aumentamos, no início do governo, de 60% para 79% o comprometimento da arrecadação com a folha de pagamento. Não há a mínima condição de colocar mais um centavo", afirma ele.

O secretário reconhece que o governo está em débito com a administração direta, mas insiste que não há o que fazer agora. "Existe a previsão de retornar com o auxílio-alimentação, mas só no meio do ano desde que o financeiro confirme essa possibilidade", argumenta. Baiocchi reforça a posição do governador Cristovam Buarque de não retirar um centavo das obras públicas para cobrir salário. "Pode não ser justo, mas é o possível", insiste o negociador. (N.C.)